

Espécies Alóctones Invasivas



- As espécies invasivas representam uma ameaça importante e em rápido crescimento para a biodiversidade autóctone na Europa.

- Plantas e animais que se fixam em habitats novos e que lhes são estranhos podem destruir a fauna ou a flora indígena e prejudicar o ambiente. Estes organismos são conhecidos como “espécies invasivas”.

- Têm também impacto social e económico, por exemplo, na saúde humana, nas pescas, na agricultura e na produção alimentar.

- A expansão das actividades comerciais, do turismo e do transporte de mercadorias para além das fronteiras aceleraram a sua disseminação.

- A União Europeia gasta actualmente pelo menos 12 mil milhões de euros por ano no controlo e reparação dos danos causados pelas espécies invasivas.

- A UE apresentou recentemente propostas para uma estratégia pan-europeia destinada a combater as espécies invasivas.

- A detecção precoce é fundamental: é muito mais fácil e rentável combater as espécies invasoras antes de estas se fixarem.

- A sensibilização do público para as espécies invasivas constitui uma condição essencial para vencer esta batalha.

natureza

Facto 1 : As espécies invasivas representam uma ameaça à biodiversidade da Europa

A fauna e a flora europeias evoluíram ao longo de milhões de anos. Cadeias montanhosas, mares e rios separaram populações e deram azo ao desenvolvimento de um enorme leque de biodiversidade. Mas a expansão do comércio e das viagens internacionais derrubaram estas barreiras em todo o mundo, colocando as espécies em contacto directo umas com as outras.

As espécies invasivas são consideradas uma das maiores ameaças à biodiversidade. Atendendo às formas de estabelecimento e disseminação das espécies em causa, as medidas adoptadas por um único Estado-Membro podem revelar-se totalmente inúteis se os países vizinhos não adoptarem acções concomitantes ou reagirem de modo descoordenado. O impacto ecológico, económico e social da disseminação das espécies invasivas nos países da UE é significativo, exigindo uma acção coordenada.

Comissário Europeu do Ambiente Stavros Dimas

Este contexto gera a competição pelos preciosos alimentos e habitats. E enquanto as espécies autóctones são resistentes a pragas ou doenças locais, têm, frequentemente, poucas ou nenhuma defesas naturais contra organismos estranhos e podem, por conseguinte, ser literalmente exterminadas. Do mesmo modo, os animais ou insectos que são mantidos sob controlo pelos predadores existentes no ambiente que lhes é próprio, podem reproduzir-se rapidamente e passar a dominar o novo ambiente nos locais onde esse controlo não existe. A teoria de Darwin sobre a selecção natural revelou como as espécies mais fortes conseguem ser dominantes durante centenas ou milhares de anos. Mas a mobilidade dos dias de hoje está a interferir com este processo de evolução, ao reunir espécies rivais no mesmo espaço a um ritmo artificial e sem precedentes.

As espécies invasivas, também conhecidas como espécies alóctones ou exóticas invasivas, ou espécies invasivas não autóctones, apresentam diversas formas e tamanhos. A maior parte das espécies não-europeias foram introduzidas intencionalmente, nomeadamente árvores e culturas que são mais resistentes ou que crescem mais rapidamente, plantas ornamentais de jardim, ou animais de estimação. Podem não constituir um problema até ao momento em que fogem ou são libertadas no meio natural. Outros exemplares de espécies alóctones indesejadas chegaram acidentalmente, transportadas como "passageiros clandestinos", por exemplo, em contentores de transporte marítimo ou aéreo ou, como os crustáceos, agarradas aos cascos dos navios.

Facto 2 : A nossa saúde está em risco

As espécies invasivas também representam uma ameaça para as pessoas. O mosquito "tigre asiático" chegou à Europa através do comércio de pneumáticos usados. É um veículo de, pelo menos, 22 vírus, nomeadamente da febre de dengue. As alterações climáticas podem facilitar a sua progressão em direcção a norte. As plantas alóctones como a sempre-noiva gigante provocam alergias, queimaduras e irritação cutânea. As espécies invasivas têm sido associadas à disseminação de vírus como a gripe e o VIH.

Facto 3 : As espécies invasivas custam dinheiro

Em 2008, os custos com o controlo das espécies invasivas e com a reparação dos danos que causam em toda a Europa atingiram, segundo as estimativas, entre 9,6 e 12,7 mil milhões de euros. Mas esta variação é seguramente subestimada, dado que muitos países só agora começam a contabilizar os custos. Estão também a ser investidos fundos do programa LIFE em programas destinados a fazer face às espécies invasivas. Desde 1992, a UE já gastou mais de 38 milhões de euros em 180 projectos dentro e fora das áreas de conservação da rede Natura 2000. Por seu lado, as estimativas dos EUA apontam para um gasto de cerca de 80 mil milhões de euros por ano no combate a estes invasores biológicos.

Número cumulativo de espécies



Fixação na região pan-europeia das espécies alóctones invasivas que mais ameaçam a biodiversidade. Fonte: AEA, 2007.



Joaninha asiática (*Harmonia axyridis*)

Lesma assassina (*Arion lusitanicus*)

Facto 4: O número de espécies invasivas na Europa está a aumentar

O inventário DAISIE enumera 10822 espécies não autóctones na Europa. Apesar de nem todas serem invasivas, estima-se que cerca de 10% a 15% sejam potencialmente perigosas para a biodiversidade europeia.

A Agência Europeia do Ambiente elaborou uma lista das 163 espécies alóctones invasivas que mais ameaçam os ecossistemas europeus. Desde 1950, tem-se assistido à fixação de mais de uma espécie por ano, e este ritmo não dá sinais de abrandamento.

A maioria das espécies invasivas provém da América do Norte e da Ásia. No entanto, um número significativo é originário de uma parte da Europa e transportado para outra. O mercado único europeu e a circulação sem fronteiras mantêm este fluxo.

Os exemplos são numerosos:

- A **joaninha asiática** é proveniente da Ásia e constitui uma ameaça mortal para as joaninhas autóctones do Reino Unido, assim como para as borboletas e outros insectos.
- A **lesma assassina**, autóctone na Península Ibérica, disseminou-se pelo resto da Europa. Imune às medidas de controlo, come as espécies de lesmas mais fracas.
- O **mexilhão-zebra**, transportado na água de lastro dos navios, obstrui as tubagens e as vias navegáveis.
- A **fallopia japónica**, introduzida a partir da Ásia no século XIX como planta ornamental, tem vindo a invadir as zonas rurais francesas.
- A **núria** e o **rato almiscarado**, trazidos da América devido à sua pelagem, disseminaram-se em toda a Europa, causando danos nos canais e nos sistemas de protecção contra inundações.

Facto 5: A UE está a tomar medidas

O Plano de Acção Comunitário sobre Biodiversidade de 2006 destacou o problema das espécies invasivas, e a avaliação intercalar dos progressos realizados identificou a necessidade urgente de uma estratégia a nível europeu. Actualmente, algumas partes da Europa já têm legislação específica e programas estabelecidos, mas outras não dispõem de quaisquer planos ou legislação nacional. As medidas fragmentadas não serão eficazes. O que faltava no passado era uma abordagem comum, pelo que em 2008 a Comissão Europeia publicou uma comunicação intitulada "Por uma estratégia da UE em matéria de espécies invasivas".

É internacionalmente reconhecido que o problema exige uma abordagem em três fases:

- A **prevenção** é a abordagem mais adequada e menos dispendiosa e implica controlos mais rigorosos nas fronteiras e uma troca de informações a nível regional, nacional e internacional. A aplicação da Convenção "Águas de Lastro" daria resposta a alguns dos problemas.
- Quando as espécies invasivas já se encontram instaladas, a **erradicação** é a medida mais eficaz. Para abranger zonas extensas, essas medidas têm de ser coordenadas e financiadas a nível central.
- Se a erradicação não for possível, é necessário aplicar medidas de **confinamento** e de controlo a longo prazo a fim de impedir a disseminação das espécies invasivas. As autoridades locais estão frequentemente na linha da frente em matéria de resolução de problemas e, por isso, necessitam de apoio.

Sistemas de alerta precoce e de informação

DAISIE

O DAISIE (*Delivering Alien Invasive Species Inventories for Europe*) é um projecto apoiado por fundos de investigação da UE, que reúne dados sobre as invasões biológicas em toda a Europa. O sítio Web deste projecto disponibiliza informações sobre as 10822 espécies alóctones que estão actualmente a invadir as zonas rurais, as vias navegáveis e os meios marinhos europeus.

Dispõe de uma base de dados que é permanentemente actualizada por uma equipa de 1657 peritos.

A DAISIE inclui uma lista alfabética dos 100 piores invasores, com mapas pormenorizados dos locais onde podem ser encontrados.

<http://www.europe-aliens.org/>

ALARM

O projecto ALARM (*Assessing Large Scale Environmental Risks for Biodiversity with Tested Methods*) desenvolveu investigações sobre o modo como os habitats sucumbem à invasão, que ajudam a prever quais as áreas que podem ficar ameaçadas no futuro.

Outro estudo identificou as seis principais vias de introdução destas espécies: libertação intencional; fuga; contaminação não intencional; "transporte"; utilização de corredores (por estradas, canais etc.); e introdução pelos seus próprios meios (disseminação natural).

ALARM: <http://www.alarmproject.net>

Esquilo cinzento (*Sciurus carolinensis*)

Facto 6: A detecção precoce é fundamental

Apesar de nem todas as espécies alóctones serem nocivas, o princípio da precaução dita que todas as espécies intrusas têm de ser identificadas e que as autoridades têm de estar preparadas para dar uma resposta rápida e para fazer face aos problemas. A detecção precoce e a rapidez de resposta são mais rentáveis e têm mais probabilidade de surtir efeitos do que a acção após a fixação de uma espécie.

As iniciativas no âmbito da informação e investigação, como o projecto DAISIE, o ALARM e a rede NOBANIS desempenham um papel importante na criação de sistemas de alerta precoce para a presença de espécies alóctones invasivas.

Facto 7: É necessária a participação dos cidadãos

A sensibilização para as espécies invasivas constitui uma parte importante desta batalha. A Comissão realizou recentemente uma consulta pública que obteve 880 respostas, três quartos das quais de cidadãos.

O inquérito é revelador do apoio generalizado a uma acção a nível comunitário. Cerca de 91% dos inquiridos concordam com a necessidade urgente da adopção de novas medidas destinadas a impedir a disseminação destes organismos. Nove em cada dez pedem a criação de um sistema de alerta precoce a nível comunitário e 86% consideram que os Estados-Membros devem ser legalmente obrigados a tomar medidas. A maioria dos inquiridos (90%) considera que a falta de sensibilização do público constitui um obstáculo e pensa que é necessário dar uma maior visibilidade a este problema (77%). A UE está a utilizar estes resultados no desenvolvimento da sua política.

Facto 8: Chegou a hora de uma estratégia geral

A Comissão está a preparar uma estratégia comunitária que leva em conta as reacções às suas propostas e que deverá estar concluída em 2011. As opções são várias e incluem desde deixar tudo como está, a adaptar ou aplicar melhor a legislação europeia existente ou a elaborar uma abordagem nova e mais ampla.

Entretanto, estão a ser envidados esforços no sentido de criar um sistema europeu de alerta precoce e de informação que constituiria um importante passo em frente.

A acção a nível da UE pode exercer um impacto decisivo na redução da disseminação das espécies invasivas. As ilhas em geral, mas sobretudo as que fazem parte dos territórios ultramarinos da UE, são ricas em biodiversidade. Contudo, as espécies insulares são também particularmente vulneráveis. Durante o último século, a biodiversidade insular, que se desenvolveu grandemente sem ter de competir, tem estado sujeita a pressões intensas por parte das espécies invasivas. Das 724 espécies de animais extintas registadas nos últimos 400 anos, cerca de metade eram espécies insulares. Nos últimos anos, não tem sido dedicada uma grande atenção os territórios ultramarinos, mas em 2008 a Presidência francesa da UE lançou uma iniciativa internacional destinada a colmatar essa lacuna. Nessas áreas, seria possível obter resultados significativos com investimentos comparativamente baixos.

Facto 9: As espécies invasivas são um problema internacional

Em 2002, as partes signatárias da Convenção das Nações Unidas sobre a Biodiversidade (CBD) chegaram a acordo quanto a uma abordagem geral global para combater as espécies invasivas. Exortaram os governos a promover a sensibilização, a envolver as comunidades e a colaborar com os países vizinhos. O impedimento to transporte internacional de espécies alóctones invasivas e a coordenação de uma resposta oportuna e eficaz às invasões irá exigir coordenação e colaboração entre governos, diversos sectores económicos, ONG, organizações e tratados internacionais e o público em geral.

As Nações Unidas escolheram para 2009 as Espécies Alóctones Invasivas como tema para o **Dia Internacional da Biodiversidade**, assinalado anualmente a 22 de Maio.



Mexilhões-zebra
(*Dreissena polymorpha*)

NOBANIS

O NOBANIS (*North European and Baltic Network on Invasive Alien Species*) é um portal regional que disponibiliza informações sobre as espécies alóctones na Europa central e setentrional. Envolve 18 países parceiros dentro e fora da UE e estabelece a ligação com redes e projectos regionais e globais sobre espécies alóctones invasivas.

<http://www.nobanis.org/>

Para obter mais informações:

Sítio Web da UE:

http://ec.europa.eu/environment/nature/invasivealien/index_en.htm

Âmbito para a acção da UE:

http://ec.europa.eu/environment/nature/invasivealien/docs/2006_06_ias_scope_options.pdf

“Sinais” da Agência Europeia do Ambiente:

<http://www.eea.europa.eu/pressroom/newsreleases/killer-slugs-and-other-aliens>

Video:

<http://www.tvlink.org/viewer.cfm?vidID=307>

Base de dados global sobre espécies invasivas:

<http://www.issg.org/database/welcome/>